



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

O CINEMA COMO COADJUVANTE NA CONSTRUÇÃO DO LETRAMENTO LITERÁRIO

Oriosvaldo de Couto Ramos; Vlamir Marques Duarte; Marineuma de Oliveira C. Cavalcanti
(Orientadora)

Universidade Federal da Paraíba-UFPB, orycouto@yahoo.com.br
Universidade Federal da Paraíba-UFPB, vlamir10@hotmail.com
Universidade Federal da Paraíba-UFPB, marineumaoliveira@gmail.com

RESUMO:

Compreender a função das produções cinematográficas como agentes educacionais é abrir novos horizontes às práticas pedagógicas modernas que visam à formação de cidadãos críticos dentro do sistema social, capazes de 'ler' obras audiovisuais, além do entretenimento. O presente trabalho tem por objetivo elucidar como processo de apresentação de obras filmicas na sala de aula pode funcionar como agente educacional para alunos do ensino básico, agindo como experimento sócio-educacional relevante à formação de sujeitos de livre pensamento e opinião, tendo a literatura como fator preponderante ao desenvolvimento intelectual. Para tanto, fundamentamos nossa pesquisa, a qual se caracteriza como uma revisão bibliográfica, nas concepções de letramento de Soares (2002) e Kleiman (1998); de letramento literário, de Cosson (2014); ensino e aprendizagem inovadoras, com auxílio das tecnologias, de Moran (2013); o cinema na sala de aula de Thiel e Thiel (2010), entre outros. Nesse sentido, vislumbramos uma nova perspectiva para que o ensino de literatura adquira uma nova configuração: o empoderamento dos atores do processo educacional, através de práticas onde o imagético expande a consciência e, por consequência, proporciona sua participação cidadã na sociedade em que se insere, deve ser estimulado como recurso que favorece o letramento literário, o desenvolvimento cultural e as inter-relações pessoais.

Palavras-chave: Leitura, letramento literário, produções cinematográficas.

INTRODUÇÃO

É grande a tentação de condenar ou ignorar aquilo que nos é estranho. É possível que nem sequer nos apercebamos da existência de novos estilos de saber, muito simplesmente porque estes não correspondem aos critérios e às definições que nos constituem e que herdamos da tradição.

(Pierre Lévy)

A democratização da informação e, conseqüentemente, da comunicação é um advento vivenciado nos dias atuais em todos os meios, possibilidades e sentidos. O acesso ao conhecimento foi transformado pela tecnologia e a dinâmica da aprendizagem atualmente



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

goza de certa autonomia, conferindo a todos a liberdade de pesquisar e aprender por conta própria.

O ambiente educacional não pode dar as costas às tecnologias que permeiam o cotidiano dos docentes, mas antes, deve promover a inserção destas na realidade social dos estudantes como recurso motivador à aprendizagem.

A mudança na maneira vigente de ensinar tem sofrido forte influência da tecnologia e modificado a relação de alunos com a leitura, como se comprova em:

É preciso, de uma certa maneira, competir com os recursos multimidiáticos para que a escola mantenha a relevância de seu papel na formação e transformação do aluno em cidadão crítico, bem como mostrar que saber e compreender as linguagens e suas diferenças é cada vez mais importante no mundo de hoje, tanto no campo pessoal quanto no campo da conquista profissional bem sucedida. (SILVA, 2008, p.70)

Então, depreende-se que, ao invés de competir com os recursos multimidiáticos em favor de uma escola tradicionalista, faz-se necessário reformular o método, agregando as multimidialidades disponíveis ao processo de ensino-aprendizagem, trazendo à escola uma linguagem próxima ao cotidiano dos estudantes, acostumados à tecnologia.

O ensino de literatura, especificamente, pode se beneficiar imensamente das audiovisualidades, mais precisamente do cinema, cuja produção disponibiliza diversas adaptações possíveis de serem aproveitadas no ensino da disciplina, proporcionando o desenvolvimento de conhecimentos discursivos e linguísticos, além da leitura e da escrita. A autonomia do aluno, proporcionada pela aprendizagem através de obras fílmicas, é inegavelmente uma fonte efetiva que pode transformar a relação deste com o mundo que o cerca, como defende Silva (2008, p. 14), em sua dissertação de Mestrado em Educação, ao dizer que “a utilização do recurso multimídia utiliza diferentes códigos de significação, o que permite novas formas de comunicação. Esse recurso possibilita formas inovadoras de lidar com o mundo, uma vez que atua com múltiplos reflexos na cognição e nas relações humanas”.

O audiovisual pode servir como agente educacional ao estimular o ensino da escrita, através de análises críticas das obras fílmicas, bem como ao despertar o interesse para a leitura dos livros que dão origem às adaptações cinematográficas.

Segundo Silva (2010, p. 93), a característica imagética do cinema “possibilita ao aluno uma mais fácil compreensão de conceitos, hábitos, costumes e fatos histórica e culturalmente distantes no espaço e no tempo”.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

Obviamente, esta compreensão dos aprendizes seria potencializada caso se optasse por filmes nacionais, cujas representações estabelecem mais fáceis relações de identificação cultural com o público-alvo.

Aplicar esse recurso na educação, com cuja linguagem os alunos já estão familiarizados, graças principalmente à TV, pode ocasionar a bem-vinda ruptura da repulsa a certos aspectos da cultura nacional, fazendo aflorar o sentimento de pertencimento e inclusão social pretendidos, como revela a leitura do artigo de Silva (2010).

Diante do exposto, este artigo pretende refletir sobre a utilização de produções cinematográficas enquanto agente educacional como motivador para o letramento literário a partir da inserção de filmes, nacionais ou não, no contexto educacional nas aulas de literatura, por cremos que é prerrogativa nossa, enquanto docentes, propiciar a reflexão acerca da melhoria do processo de ensino-aprendizagem de literatura na educação básica, em especial do ensino médio, em vistas de promover novas formas de letramentos, as quais dialoguem para a formação de um cidadão que possa participar com desenvoltura dos eventos sociais da comunidade na qual está inserido.

Justificamos a pertinência do tema pelo fato de que, apesar da sociedade estar mudando e experimentando novos desafios, a educação formal continua arraigada a concepções retrógradas, organizada de modo previsível, repetitivo, burocrático e pouco atraente, mesmo diante das teorias avançadas, privilegiando o tradicionalismo já consolidado, como nos informa Moran (2013). Posteriormente, o autor, ao se reportar à questão da inserção das mídias na educação, aponta que, para tanto, três elementos são fundamentais: o primeiro se refere à questão organizacional, que deve ser inovadora, aberta e dinâmica; o segundo refere-se aos docentes, que devem ser bem preparados intelectual, emocional, comunicacional e eticamente, bem remunerados, motivados e com boas condições profissionais e, por fim, o terceiro se relaciona ao estudante, que deve ser motivado e preparado, intelectual emocionalmente, e com capacidade de gerenciamento pessoal e grupal.

Concordamos com as colocações do pesquisador, mesmo que pareçam utópicas, se considerarmos a real condição da escola brasileira. Entretanto, nem tudo é impossível para quem deseja dar o melhor de si e acredita no que faz. Estes profissionais são capazes de fazer a diferença, mesmo diante das dificuldades e se sobressaem em relação àqueles que não buscam se formar e informar sobre como melhorar sua ação pedagógica, buscando atrair o público com o qual vive cotidianamente.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

Decorre daí, a importância de tais reflexões, pelo professor, o principal agente de formação literária na sociedade, o qual deve utilizar dos recursos midiáticos disponíveis para promover a construção de sentidos e a vivência da função humanizadora da literatura.

METODOLOGIA

O percurso metodológico adotado para o presente artigo, caracterizado como um estudo de caráter qualitativo, pertence à égide bibliográfica, uma vez que tem como respaldo os estudos realizados por pesquisadores e estudiosos que atuam na área do letramento, como Soares (2002) e Kleiman (1998), as quais conceituam letramento como o fenômeno de ensino da leitura e da escrita, dentro de um contexto no qual a leitura e a escrita sejam significativas e façam parte do cotidiano dos cidadãos.

Apoiamo-nos em postulados acerca do letramento literário de Cosson (2014, p. 11), para quem o letramento literário trata-se de uma concepção de leitura e escrita que devem ir “além das práticas escolares usuais”, uma vez que se configura como a escolarização da literatura e, por conseguinte, deve ser a escola a formar uma comunidade de leitores e a fornecer uma maneira própria de enxergar o mundo; Moran (2013) e outros nos respaldam com suas teorias inerentes à educação na sociedade hodierna, permeada pelo uso das tecnologias e mídias digitais, apontando as dificuldades e apontando os caminhos para a educação do século XXI, através da mediação pedagógica do uso dos elementos midiáticos.

Como promover a renovação da literatura, através do trabalho com o cinema, numa perspectiva de construir novos letramentos, como o filmico e o literário, a partir da leitura de outros gêneros discursivos, além de motivar a construção do letramento literário e sugerir quais os caminhos a serem percorridos para a concretização de atividades que promovam o desenvolvimento intelectual, ético e crítico dos alunos, é a proposta de Thiel e Thiel (2010) e Silva (2008), e outros.

Nas seções a seguir apresentaremos o *corpus* do artigo, o qual teve como respaldo o cabedal de leituras feitas e alguns conhecimentos obtidos a partir de nossas vivências enquanto docentes e estudiosos da área, as quais servirão de aportes teóricos, ao mesmo tempo em que se discutem o tema. As seções serão, assim, divididas em: o cinema na sala de aula; letramento filmico; letramento literário; as competências do professor; e, por fim nossas considerações finais.



O CINEMA NA SALA DE AULA

O cinema enquanto possibilidade pedagógica não é exatamente uma novidade. Porém, sua utilização tem esbarrado na falta de preparo prático e teórico por parte dos docentes, e tem resultado em frustrantes experiências em que o material didático em forma de imagens, que são representações do mundo, envolve passionalmente a recepção do professor, prejudicando uma análise objetiva do discurso cinematográfico – como revela Buzzo (1995, p. 124), em sua tese de doutorado, ao dizer que é “importante examinar como o educador constitui sua atuação de pesquisador, quais os indícios e dados sobre os quais baseia sua análise e funda suas tentativas e inovações”.

O despreparo de professores para lidar com esta forma de expressão tão presente no cotidiano de seus alunos aponta a necessidade de promover, antes de tudo, capacitação dos docentes. O cinema, enquanto agente educacional, há que ser compreendido em sua amplitude de usos, que variam desde a leitura e compreensão de diferentes linguagens, expressas em variados suportes, desenvolvimento da sensibilidade artística, conhecimentos linguísticos e culturais, conhecimento da estrutura narrativa fílmica e a construção de novas referências e relação entre áreas e discursos, como apregoam Thiel e Thiel (2010, p. 123).

O cinema pode funcionar como ferramenta didática para a aprendizagem de conteúdos de diversas disciplinas, desde que o professor se mostre como uma pessoa aberta ao novo, sem medos e preconceitos, mas e sobretudo, motivado não para dar respostas prontas, mas para problematizar e incentivar a busca por respostas e que possam atribuir, além do “sentido”, uma “significação”, a qual, segundo Thiel e Thiel (2010, p. 114),

Muito mais que um deciframento de códigos, a significação sugere uma transformação na vida. Dessa forma, o cinema implicará uma acolhida de novas ideias, uma reflexão sobre atitude e, principalmente, uma compreensão intelectual e sensível da existência.

LETRAMENTO FÍLMICO

Assistir a um filme é, antes de tudo, percepção de detalhes. A comunicação que se estabelece entre a obra e o público reside no figurino, na música, nas locações, no mobiliário,



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

nos diálogos e nos efeitos, visuais e sonoros. Todos estes detalhes podem servir de referência a quem propõe o uso do cinema enquanto método de ensino.

No século XXI Já não é suficiente, ser um leitor competente apenas de livros e/ou do texto oral, pois estamos vivendo uma evolução constante das novas tecnologias em vários setores e as práticas sociais exigem um leitor capaz de ler e compreender códigos e linguagens variados (principalmente a linguagem imagética, visual e gestual) que envolvem tanto a leitura do livro quanto a leitura de textos virtuais. (VARÃO, p. 1-2)

Exemplificando o acima citado, usemos o filme ‘A floresta que se Move’ (BRA/2016). O professor deve ter conhecimento antecipado dos detalhes contidos na obra para que possa explorar discussões posteriores à exibição e despertar um olhar mais aguçado dos seus aprendizes quanto a questões históricas, sociais, técnicas, etc.

No caso dessa película, a título de elucidação do processo de letramento fílmico (ou leitura de texto virtual, como nomeia Varão), o professor poderá perceber que se trata de uma adaptação da peça *Macbeth*, do dramaturgo inglês William Shakespeare, cuja história transcorre no século XI e trata das brigas entre famílias distintas e duelo pelo reinado durante a guerra, enquanto que ‘A Floresta que se Move’ se passa nos tempos atuais, no mundo empresarial. As personagens mudaram de nome, mas o tema permanece o mesmo, que é a ambição pelo poder. Outra percepção pertinente será a discussão sobre a atualidade das obras shakespearianas, que mesmo escritas no século XVI, permanecem atuais, uma vez que tratam do elemento humano com todos os problemas inerentes à sua existência.

O cinema, sem dúvida, proporciona um material didático amplo a ser abordado nas aulas, contribuindo para o ensino-aprendizagem não só da disciplina proposta, mas também como reflexão crítica.

O cinema constrói conhecimento e “cabe ao professor desempenhar o papel principal no estímulo das discussões a serem suscitadas permitindo o questionamento e decifração dos alunos acerca da sociedade em que estão inseridos.” (LIMA, 2015)

Contudo, como o próprio autor considera em seu artigo para a Revista *Historiador*, os filmes não devem ser substitutos de qualquer outro recurso didático, mas antes percebido enquanto mais um instrumento pedagógico. Ou seja: obras fílmicas podem assumir a silhueta de revitalização do ensino, mas caberá sempre ao professor a interpretação das mensagens neles contidas para que o aluno possa tirar suas próprias conclusões e construir seu próprio repertório literário, histórico, artístico, cultural e tudo o mais que possa ser proporcionado.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

O cinema pode alterar favoravelmente a dinâmica pedagógica, mas é apenas um recurso na gama de possibilidades: a leitura e a escrita, os recursos por assim dizer ‘tradicionais’, devem ser sempre aliados deste agente educacional.

LETRAMENTO LITERÁRIO

Para que tenhamos uma concepção acerca do conceito de letramento literário, devemos, antes de tudo, ter como pilares as relações entre o binômio alfabetização e letramento. Para tanto, devemos tomar como base os conceitos produzidos por duas renomadas pesquisadoras do assunto: Magda Becker Soares e Ângela Kleiman.

Soares (2002), em seu artigo *Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura*, retoma seus conceitos de letramento buscando sua ampliação, uma vez que se volta para a cibercultura. Assim, a autora descreve letramento como sendo “as práticas sociais de leitura e escrita e os eventos em que essas práticas são postas em ação, bem como as consequências delas sobre a sociedade” (2002, p.145). Tal conceito decorre das concepções da pesquisadora aliadas às definições de Kleiman (1998, p. 19), que pondera que,

podemos definir hoje o letramento como um conjunto de práticas sociais que usam a escrita, enquanto sistema simbólico e enquanto tecnologia, em contextos específicos, para objetivos específicos.

Esse conceito trata de uma complementação de outro anteriormente defendido pela autora, no qual ela definia como sendo “o estado ou condição de indivíduos ou de grupos sociais de sociedades letradas que exercem efetivamente as práticas sociais de leitura e de escrita.” Posteriormente, Soares (2002) argumenta a abrangência do termo ao informar que,

O que esta concepção acrescenta às anteriormente citadas é o pressuposto de que indivíduos ou grupos sociais que dominam o uso da leitura e da escrita e, portanto, têm as habilidades e atitudes necessárias para uma participação ativa e competente em situações em que práticas de leitura e/ou de escrita têm uma função essencial, mantêm com os outros e com o mundo que os cerca formas de interação, atitudes, competências discursivas e cognitivas que lhes conferem um determinado e diferenciado estado ou condição de inserção em uma sociedade letrada. (SOARES, 2002, p.145)

Nesse sentido, depreende-se que a concepção de letramento ultrapassa os limites da alfabetização, haja vista que, por alfabetização, compreende-se uma etapa para a construção do letramento e, portanto, são termos que não devem ser confundidos, uma vez que podemos



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

considerar o letramento como “um todo” e a alfabetização como “parte” desse “todo”, ou, em outras palavras, a alfabetização, como conhecemos, se trata de um fenômeno de letramento, voltado para os aspectos estruturais de descrição e análise da língua, sem levar em conta as questões políticas, culturais, sociais e históricas (GOULART, 2014, p. 57). A autora mostra que, a partir dos anos 80 do século passado, tem se intensificado as discussões sobre as práticas de leitura voltadas para os aspectos linguísticos-discursivos, as quais têm trazido à luz do conhecimento fatos e fenômenos recorrentes no processo de alfabetização, além de revelar aspectos desconhecidos e redimensionando facetas até então pouco destacadas, destaca Goulart (2014, p. 57-59).

Nesse cenário, no qual o ensino da língua se volta para a construção da competência comunicativa, ou seja, para as práticas de leitura e de escrita, que são condições essenciais para a integração do indivíduo na sociedade e, assim, partilhar dos bens culturais disponíveis na mesma e que lhe proporcionarão uma participação plena através da mudança do seu ponto de vista sociocultural, político, econômico e, especialmente, nos aspectos linguísticos.

É nesse contexto que desponta o papel que a literatura tem de “se constituir como fonte de formação de leitores críticos, vivendo o desafio de interpretar vazios, ambiguidades, novas relações, novos modos de viver, conhecer, fazer e falar.” (GOULART, 2008, p. 64).

Ainda citando a autora, a mesma advoga, posteriormente que,

podemos pensar sobre o letramento literário no sentido de que a literatura nos letrava e nos libertava, apresentando-nos diferentes modos de vida social, socializando-nos e politizando-nos de várias maneiras, porque nos textos literários pulsam forças que mostram a grandeza e a fragilidade do ser humano; a história e a singularidade, entre outros contrastes, indicando-nos que podemos ser diferentes, que nossos espaços e relações podem ser outros. O outro nos diz a respeito de nós mesmos – é na relação com o outro que temos oportunidade de saber de nós mesmos de uma forma diversa daquela que nos é apresentada apenas pelo viés do nosso olhar. (GOULART, 2008, p.64)

Dito isso, percebemos a função humanística própria da literatura de fazer com que o ser humano não apenas adquira os conhecimentos linguísticos, mas que, sobretudo, seja uma pessoa melhor, que possa estar de bem consigo e com os outros ao seu redor, compreendendo e sendo compreendido. No entanto, até que atinja tal condição, esse ser necessita passar por momentos de aprendizagem, os quais são concretizados através da escola.

Como vimos anteriormente, o conceito de letramento é amplo e diversificado. No entanto, se nos reportarmos aos conceitos iniciais de letramento, em especial aqueles designados por Soares (2002, p.156), a pesquisadora



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

conclui, no artigo supracitado, que letramento é um “fenômeno plural, historicamente e contemporaneamente: diferentes letramentos ao longo do tempo, diferentes letramentos no nosso tempo”.

É a partir das concepções de letramento que Cosson (2014) evidencia que o letramento literário se trata de um processo de letramento, que pela própria condição da existência da escrita literária, possui uma configuração especial, uma vez que ultrapassa os limites do uso social da escrita e visa o seu domínio efetivo.

Decorre dessa configuração especial a necessidade de que sua concretização seja predominantemente realizada no espaço escolar, já que a escola é, essencialmente, o espaço propício para a sistematização dos conhecimentos, o que faz com que o evento de apropriação do letramento literário não se resuma apenas à leitura por mera fruição, mas que entenda que, como assevera Rangel (2014, p. 146), “vale a pena reconhecer nessa modalidade de leitura, um valor a ser preservado, não só no ensino da leitura e escrita em geral, mas no próprio trato com do sujeito com a língua e a cultura”.

À escola cabe o papel preponderante de instruir o aluno para a vida em sociedade e tal instrução tem na leitura seu fator determinante. No entanto, a leitura do texto literário não se limita à simples leitura. Para Cosson (2014, p. 26), “apenas ler é a face mais visível da resistência ao processo de letramento literário na escola”. Apesar de congregarem algumas práticas discursivas estereotipadas sobre a leitura literária, ainda segundo o autor, no ambiente escolar, a literatura é um lócus de conhecimento e, para que funcione como tal, convém ser explorada de maneira adequada, isto é, a escola precisa ensinar o aluno a fazer tal exploração.

Apesar da existência de várias pressuposições que são usadas como pretexto para a não escolarização da leitura das obras literárias apresentadas por Cosson, como a de que os livros falam por si mesmos ao leitor, que ler é um ato solitário ou que é impossível expressar os sentimentos despertados pelo texto literário ou, ainda, que a análise da obra destrói a magia e a beleza da obra, ainda assim, diz o autor, que se quisermos formar leitores capazes de experimentar toda a força humanizadora da leitura, não basta ler. E acrescenta, ainda, que além de nos ajudar a ler melhor e possibilitar a criação do hábito da leitura ou pelo prazer que proporciona, a leitura literária, como nenhum outro tipo de leitura faz, fornece instrumentos necessários para conhecer e articular com proficiência o mundo da linguagem.

COMPETÊNCIAS DO PROFESSOR



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

Discutir questões inerentes à ação pedagógica do professor no tocante ao uso de recursos midiáticos como o cinema na sala de aula, torna-se pertinente, uma vez que é no trabalho docente que se concentra o sucesso ou insucesso do diálogo entre o cinema e a literatura na construção do letramento literário. Obviamente não vamos trazer receitas prontas, mas questionar como deve atuar o professor.

Neste sentido, alguns pontos são apresentados aqui por Thiel e Thiel (2010). Para as autoras, não se deve reduzir a atividade a somente a “passar” o filme para os alunos e que estes apenas indiquem se gostaram ou não. Elas ainda argumentam que o prazer de ver o filme deve ser mantido, no entanto, é necessário um trabalho que transforme o gosto em fruição, para que o ato de assistir o filme seja um prazer aprimorado pelo reconhecimento dos valores estéticos que tornam a obra única. O trabalho deve ser antes, durante e depois da exibição do filme.

Já para Lima (2015, p. 102-104), especialista em ensino de História, os filmes devem ser usados conscientemente pelos professores como facilitadores de discussões e construções ideológicas da realidade proposta na tela, nunca sendo tomados como detentores da única verdade real do mundo. Completando seu pensamento, ele afirma que o professor deve passar aos alunos que para entender um filme é necessário ir além da dimensão mais visível ou mais explícita, onde se deve identificar lacunas, silêncios e códigos que precisam ser analisados, decifrados e compreendidos.

Então, é papel do professor estar preparado para que bons resultados possam ser obtidos através do recurso filmico na educação, assim como deve estar preparado no uso de qualquer outro recurso didático.

Tendo o fator tempo como limitante para o uso do cinema em sala de aula, cabe ao educador o bom senso na escolha prévia dos trechos mais relevantes da obra filmica a serem exibidos, optando sempre por aquelas que levantem discussões significativas à construção do conhecimento e formação moral dos alunos.

Ainda citando Thiel e Thiel (2010), o professor deve ter a atuação de um mediador da leitura do filme em sala de aula e, com vistas de promover a fruição e também uma análise aprofundada desse gênero, deve dialogar com os estudantes acerca dos elementos que compõem o texto filmico. Deve, assim, ser o primeiro agente letrado filmicamente.

Já no tocante às adaptações literárias, o professor deve está consciente que o texto literário e a obra adaptada possuem configurações diferentes como o suporte, a linguagem, que integra imagem e som, que às vezes são mais privilegiados que do que a palavra e que na transposição de uma linguagem para outra, a questão da



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

fidelidade pode ser relativizada, cujas significações são construídas pelo diretor, roteirista ou editor.

CONCLUSÕES

Esperamos que o presente artigo, ao propor o uso de tecnologias audiovisuais em sala de aula, abra novos horizontes perante as práticas pedagógicas, compreendendo este recurso como elemento de importante auxílio à formação de cidadãos com pleno desenvolvimento intelectual.

O estímulo proporcionado por obras fílmicas enquanto ferramenta didática deve ser reconhecido como fator de contribuições sociais e culturais que, aliado ao preparo prévio dos docentes, traz novas possibilidades ao ambiente educacional ao desenvolver o senso crítico e livre pensamento para todos os envolvidos no processo.

O caráter humanístico do letramento literário pode ser potencializado ao se recorrer a métodos reconhecidamente íntimos dos educandos, como o cinema, um recurso capaz de levantar discussões, informar e construir sistemas morais com a devida condução de um orientador preparado para tal.

A proposta do uso do cinema em sala de aula não é novidade, sabemos, mas aqui percebemos porque o recurso foi falho em outras tentativas, apontamos a direção a ser seguida e mostramos que o ensino de literatura pode ganhar novíssimo interesse por parte dos estudantes desde que se valha corretamente das ferramentas tecnológicas

REFERÊNCIAS

BUZZO, C. **O cinema na escola: o professor, um espectador**. UNICAMP, 1995. 190 p. (Tese de doutorado, mimeo). Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000099093>. Acesso em 01/07/2016.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. 2. Ed. São Paulo: Contexto, 2014.

GOULART, Cecília. **Alfabetização e letramento: os processos e o lugar da literatura**. In: PAIVA, Aparecida et al (orgs.) **Literatura – saberes em movimento**. 2. Ed. Belo Horizonte: Ceale: Autêntica Editora, 2014.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

KLEIMAN, A. Ação e mudança na sala de aula: uma pesquisa sobre letramento e interação. In: ROJO, R. (Org.). **Alfabetização e letramento: perspectivas linguísticas**. Campinas: Mercado de Letras, 1998.

LIMA, Daniel Rodrigues de. **Cinema e História: o filme como recurso didático no ensino/aprendizagem da história**. Revista Historiador, nº 07. Ano 07. Janeiro de 2015. Disponível em: <http://www.historialivre.com/revistahistoriador/sete/7daniel.pdf>. Acesso em 01/07/2016.

MACHADO, João Luís Almeida. **O Professor e o (s) filme (s) escolhido (s)**. Disponível em: <http://www.planetaeducacao.com.br/portal/artigo.asp?artigo=175>. Acesso em 01/03/2016.

RANGEL, Egon. Literatura e livro didático no ensino médio: caminhos e ciladas na formação do leitor. In: PAIVA, Aparecida et al (orgs.) **Leituras literárias: discursos transitivos**. 2. Ed. Belo Horizonte: Ceale: Autêntica Editora, 2014.

SILVA, Julyana Moreira. **Leitura, literatura e cinema na sala de aula: uma cena**. Universidade Católica Dom Bosco, 2008. Disponível em: <http://site.ucdb.br/public/md-dissertacoes/8049-leitura-literatura-e-cinema-na-sala-de-aula-uma-cena.pdf>. Acesso em 01/07/2016.

SILVA, Marciano Lopes. **Literatura e cinema na sala de aula: uma análise da tradução cinematográfica de “O Cortiço”**. Revista JIOP nº 01 – Universidade Estadual de Maringá, 2010. Disponível em: http://www.dle.uem.br/revista_jiop_1/artigos/lopes.pdf. Acesso em 02/07/2016.

SOARES, Magda. **Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura**. Educ. Soc. 2002, vol.23, n.81, pp.143-160. ISSN 0101-7330. Disponível em <<http://dx.doi.org/10.1590/S0101-73302002008100008>.> Acesso em 10 ago. 2016.

THIEL, Grace C; THIEL Janice C. **Movies takes: a magia do cinema na sala de aula**. Curitiba: Aymarã, 2009.

VARÃO, Maria Goreth de Sousa. **Práticas de leitura virtual: análise de um texto filmico**. Disponível em: <http://www.nehte.com.br/simposio/anais/Anais-Hipertexto-2010/Maria-Gorth-Sousa-Varao.pdf>. Acesso em 03/07/2016.

FILMOGRAFIA CONSULTADA

A FLORESTA que se move. Direção: Vinícius Coimbra. Produção: Elisa Tolomelli. Intérpretes: Gabriel Braga Nunes, Ana Paula Arósio, Nelson Xavier, Ângelo Antônio e outros. Roteiro: Vinícius Coimbra, Manuela Dias. Viny Filmes. Gênero Drama. Nacionalidade: Brasil, 2016, 99min. Disponível em: <



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

<http://www.filmesonlinegratis.net/assistir-a-floresta-que-se-move-dublado-online.html>>

Acesso: 10 ago. 2016.

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br